



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### **PAX BRITANNICA: DOMÍNIO IMPERIALISTA NA GUERRA DO PARAGUAI**

Ramon Trindade Pellegrini\*  
(UESB)

José Rubens Mascarenhas de Almeida\*\*  
(UESB)

#### **RESUMO**

O objetivo desse exame está alicerçado na análise da Pax Britannica e sua gradual influência na América Latina – mormente na Guerra do Paraguai (1864-1870). Partindo de um viés não-eurocêntrico, a revisão crítica do significado histórico da Pax Britannica e a sua política livre cambial, busca comprovar o financiamento do conflito entre os países envolvidos (Argentina, Império do Brasil, Uruguai) contra o Paraguai, tinha fins lucrativos por parte da Grã-Bretanha. Para os países latinos a “paz” europeia significou batalha e dependência, principalmente econômica. As evidências podem ser notadas na Guerra da Tríplice Aliança, onde a dívida externa – decorrente de vários empréstimos feitos à Inglaterra – colocou as nações detentoras da libra esterlina sob a égide inglesa neocolonial.

**PALAVRAS CHAVE:** Pax Britannica, Domínio Comercial, Guerra contra o Paraguai.

---

\* Graduando do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, partícipe do Grupo de Estudos de Ideologias e Luta de Classes – GEILC/Museu Pedagógico da UESB. E-mail: ramonpellegrini1@gmail.com

\*\* Orientador. Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP, docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenador do GEILC/Museu Pedagógico da UESB e pesquisador do NEILS (Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais). E-mail: joserubensmascarenhas@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai (1864-1870) teve sua procedência ligada a outros momentos que antecederam o ato bélico em si. Tomando como pressuposto a expansão imperialista britânica desde o século XVIII – com a assinatura do tratado de Methuen (1703) entre as coroas anglo-lusitana, que deixou cativa a economia portuguesa e da sua até então colônia brasileira – percebemos uma evolução capitalista a nível mundial, se estendendo depois à região do Prata. Mesmo com as contradições expressadas na figura do bolivarismo do século XIX e seu caráter antiimperialista, não houve como parar a ascensão hegemônica inglesa. A Guerra da Tríplice Aliança não pode ser entendida, senão, pelo prisma que a engendra no processo de crescimento avassalador da “oficina do mundo” sob o momento histórico conhecido por Pax Britannica.

### **Breve história da dependência luso-brasileira ao imperialismo inglês**

Muito se estudou sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870) e a participação ativa da Inglaterra – principal potência imperialista no século XIX – nesse conflito. Mas, a relação bipolar entre a América Latina e o imperialismo britânico começou muito antes desse embate que envolveu tanto as nações da região do Prata (Uruguai, Argentina e Paraguai) quanto o Império do Brasil.

Em dezembro de 1703, o embaixador inglês John Methuen demonstrou a Portugal o que mais tarde seria sacramentado como política em tempos de Pax Britannica, o livre comércio – aliado naquele momento ao capitalismo concorrencial. Como todo acordo feito em tempos de acumulação primitiva, o Tratado de Methuen – fomentado entre a coroa britânica e a lusitana – foi desfavorável a Portugal.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Os tecidos ingleses confeccionados com técnica apurada, paulatinamente extinguíram a indústria têxtil portuguesa e o prestígio na exportação de vinho não foi satisfatório para que a balança comercial entre ambos os países se equilibrasse. Com o tempo, Portugal foi perdendo quase todas as suas manufaturas e a nação governada por Carlos II passou a importar grandes quantidades de produtos industrializados da Inglaterra. Por conseguinte, o vinho – único produto exportado por Portugal para a nação anglicana, já que a mesma havia cancelado a importação de fumo e açúcar anteriormente – não era suficiente para quitar a vastidão de bens que abastecia a economia lusitana. Isto criou uma dependência explícita, que logo bateu à porta da sua colônia, o Brasil – responsável por pagar a conta adquirida pela metrópole europeia. Sobre isso cita Eduardo Galeano:

Em troca de algumas vantagens para seus vinhos no mercado inglês, Portugal abria seu próprio mercado, e o de sua colônia, às manufaturas britânicas. [...] Não era com vinho que se pagavam os tecidos ingleses, mas com ouro, com o ouro do Brasil, e neste processo ficariam paráliticos os teares de Portugal. Portugal não se limitou a matar o embrião de sua própria indústria, mas também, de passagem, aniquilou os germes de qualquer tipo de desenvolvimento manufatureiro no Brasil. O reino proibiu o funcionamento de refinarias de açúcar em 1715; em 1729, declarou como crime a abertura de novas vias de comunicação na região mineira; em 1785, determinou o incêndio aos teares e fiadores brasileiros (GALEANO, 1978, p. 40).

O resultado desse acordo com características de benefício unilateral sacramentou a dependência de Portugal em relação à Coroa inglesa. Consequentemente, o Brasil também foi sujeitado às condições de vinculação econômica com a Inglaterra. Cita Nelson Werneck Sodré acerca das consequências desse tratado:

A especial importância atribuída ao Tratado de Methuen em todos os estudos de história econômica [...] fundou-se em três pontos



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

curiosos [...] motivo do declínio luso ou da condição de subalternidade português no desenvolvimento comercial do mundo moderno: asfixiou as indústrias lusas; converteu em vinhas as terras de pão; levou para a Inglaterra o ouro do Brasil (SODRÉ, 1969, p. 37).

A quantidade de riquezas extraídas das minas brasileiras que permaneciam no território nacional era ínfima e as que chegavam aos portos lusitanos e continuavam por lá também se tornavam irrisórias se comparadas ao maior beneficiário dessa rota, a Grã-Bretanha.

Um século se passou desde o Tratado de Methuen, Portugal e sua colônia abasteceram os cofres ingleses a ponto de nomes como Galeano (1978) afirmar que “a entrada de ouro brasileiro alcançava 50 mil libras por semana em alguns períodos. Sem esta tremenda acumulação de reservas metálicas, a Inglaterra não teria podido enfrentar, posteriormente, Napoleão” na batalha que deu início à Pax Britannica.

Com as dívidas alcançando patamares exorbitantes a cada dia, e, tendo sua economia intrinsecamente ligada aos manufaturados britânicos, Portugal caminhou junto com o Brasil à dependência econômica que foi preponderante para os interesses ingleses no Paraguai décadas depois.

### **O domínio imperialista se estende à região do Prata**

O fim do Antigo Sistema Colonial, após grande relutância da metrópole hispânica, transferiu o poderio anteriormente outorgado ao Peru para Buenos Aires. Era um novo modelo econômico ganhando terreno no lado espanhol da América Latina. Como cita Sodré (1969) “A nova organização surge, assim, em prejuízo da antiga, que tinha Lima como sede”. E completa:



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

O novo vice-reinado, criado com caráter provisório em 1776, era em definitivo em 1777, vindo a ser reorganizado pela Real Ordenanza de 28 de Janeiro de 1782. Esta subdividiu-o em oito intendenções: Buenos Aires, Paraguai, Mendoza, S. Miguel del Tucuman, Santa Cruz de la Sierra, La Paz, La Plata e Potosí, e três Províncias: Mojos, Chiquitos e Trinta Povos de Missões Guaranis. Com poucas alterações, no ano seguinte, assim atingiu a época da independência (SODRÉ, 1969, p. 56).

Diferentemente dos objetivos coloniais que regiam Lima e México, a ação portuária de Buenos Aires começou a expandir suas riquezas tendo como principal base econômica o pastoreio. O contacto com o exterior passou a intensificar-se com a produção crescente de couro. Isto foi à motivação necessária para a aliança entre os dois pilares econômicos que sustentavam a economia portenha: o feudalismo pastoril dos senhores estancieros – lutando por terras e gado – e os comerciantes mercantilistas – interessados em exaurir o contrabando que evoluiu com a livre navegação nos rios do Prata. Essa junção das classes dominantes portuárias – que levou consigo o detrimento agrário – favoreceu ambos os interesses, afinal, haveria um comércio mais controlado na região, e, em contrapartida, o couro seria o produto a ser negociado. Isto fez com que a economia disseminada pela burguesia mercantilista naquela região, abarcasse toda faixa litorânea das localidades servidas pelos rios e roteiros terrestres. A dependência a Buenos Aires era notória, prova disto foi o fechamento para navegação do rio Uruguai, transformando Montevideu em inimiga comercial, barrando o seu progresso.

Sempre atenta aos seus interesses na parte sulina das Américas, os ingleses, por intermédio de Portugal e Brasil – já atracados à economia britânica – sempre deixaram claro as suas intenções de penetração no Prata. Como analisa Sodré (1969), a luta para a manutenção da Colônia do Sacramento, que permitia não apenas exercer ativo contrabando no estuário como a apropriação das pastagens e



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

dos rebanhos da Banda Oriental, configura-se uma das tentativas mais claras de penetração anglo-lusitana nos mercados platinos.

Aos poucos, a Grã-Bretanha foi se adentrando no entreposto comercial daquela comarca, monopolizando os lucros de alguns contratos que outrora havia dividido com a França. Logo, Buenos Aires se converteu na maior feitoria de escravos da Inglaterra na América do Sul, em troca, cederia algumas terras a South Sea Company. Este fato marcou o novo modelo ideológico do pensamento político-econômico que foi primordial na época da independência. O dizer de um dos teóricos contemporâneos àquele momento histórico, sobretudo, no século XVIII, Mariano Moreno, resume a forma como o germe imperial britânico já circulava nas terras da antiga colonização hispânica: “aquele que vê com receio o comércio com a Grã-Bretanha não pode ser um bom espanhol” (Apud SODRÉ, 1969, p. 64).

O que veio a seguir foi à paulatina disseminação dos ideais liberais no estuário platino que logo colocaria aquelas terras sob o olhar imperial inglês. Sem perder o foco primordial da pesquisa – a influência que a Pax Britannica teve na Guerra do Paraguai – Sodré (1969, p.65) expõe:

A chamada questão platina, com os seus episódios militares inclusive, é a longa história da luta da Inglaterra para dominar o mercado sulino, e tem o seu último ato, com a participa o brasileira, na guerra com o Paraguai, quebrando o isolamento em que o vinham mantendo os governos de Francia e dos Lopez. Claro que não foi esta a causa única da questão platina, mas a fundamental.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### **Bolivarismo<sup>416</sup> e Monroismo: visões antagônicas de um mesmo objeto**

Frente ao ímpeto neocolonial que percorria as recém-emancipadas repúblicas da América espanhola, surgiram os ideais pan-americanos – fomentados por representantes da elite hispano-americana. O venezuelano Simon Bolívar tornou-se um dos maiores correspondentes dessa leva de idealizadores que tentaram a “união de toda a América do Sul em um único corpo político”. É bem sabido que muitos antecederam o líder bolivariano, como Plabo Olavide, Juan Martínez de Rosas, Jose de San Martín e, especialmente, Francisco Miranda com sua “solidariedade continental”. No entanto, fixemo-nos no plano bolivariano, que, em 1818, respondendo à mensagem de saudação, enviada a Angostura pelo diretor argentino, Pueyrredón, declarava que, tão logo a guerra de independência estivesse terminada, procuraria formar um pacto americano, e esperava que as Províncias do Rio da Prata se unissem a ele.<sup>417</sup>

Os interesses de Simon Bolívar em unificar a América – excetuando Brasil e Estados Unidos<sup>418</sup> – não conseguiram se firmar por muitos motivos, notadamente os fundamentos liberais em franca expansão na época, tais como: protecionismo geopolítico e econômico; rivalidade declarada do free trade inglês, que via na América Latina um território de escoamento de seus manufaturados; abolição da escravidão; confrontando com os Estados Unidos, este, como pretensão de

---

<sup>416</sup> Apesar de nos atermos aqui à resistência liderada por Simon Bolívar, se faz necessário rememorar que muitos outros latinoamericanos também lutaram contra o avanço da dominação externa na região. O bolivarianismo do século XIX tem como antecedentes a insurgência dos Túpac Amaru no Peru em (1780), a rebelião dos escravos venezuelanos (1795), a luta pela libertação do Haiti durante o século XVIII e outras tantas revoltas contra o modelo econômico de espoliação na região. A esses momentos de resistência juntaram-se os projetos emancipatórios de homens como Francisco Miranda, Miguel Hidalgo y Costilla, José de San Martín, Juan Nepomuceno Troncoso dentre tantos outros que batalharam por um ideal alicerçado na libertação da América Latina.

<sup>417</sup> Acerca ver <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=39>. Acesso em: 15/05/2011.

<sup>418</sup> O Brasil e os Estados Unidos tiveram motivos, segundo o olhar panamericano bolivariano, para não fazerem parte da unificação americana: os EUA, pelo caráter expansionista iniciado depois da Doutrina Monroe, chegando a anexar grande parte do México – como o Texas e a Califórnia – e o Brasil, por contrariar a solidariedade continental sempre intervindo em assuntos político-econômicos na região do Prata.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

expandir-se pelas Antilhas, temia a difusão de movimentos de abolição escravocrata. Além do interesse de neocolonização por parte da Santa Aliança<sup>419</sup> europeia, alicerçados no objetivo de manter o absolutismo estatal seguindo os arriscados preceitos de “Justiça, Caridade Cristã e Paz”, disseminados por longos anos no Brasil português.

No entanto, o século XIX viveu uma dualidade de panamericanismo: bolivariano e Monroista (derivado da Doutrina Monroe). Esta foi um “conjunto das políticas aplicadas pelo presidente dos EUA, James Monroe (1817-1825), que se opunha à tentativa de recolonização das nações americanas recém-emancipadas por suas ex-metrópoles. Seu lema era “a América para os americanos”” (ALMEIDA, 2010, p. 34). Poderíamos abrir um viés minucioso sobre o tema, mas não faz parte do escopo dessa pesquisa, sendo assim, resumidamente, analisaremos a Doutrina Monroe como uma realidade que demonstrava interesse apenas no que concernia aos princípios estadunidenses. Configurando, deste modo, a expansão de uma política nacionalista cuja atenção cabia unilateralmente aos Estados Unidos. Como explana Galeano (1978) nos tornamos

Um arquipélago de países, desconectados entre si, [que] nasceu como conseqüência da frustração de nossa unidade nacional. Quando os povos em armas conquistaram a independência, a América Latina aparecia no cenário histórico enlaçada pelas tradições comuns de suas diversas comarcas, exibia uma unidade territorial sem fissuras e falava dois idiomas fundamentalmente da mesma origem, o espanhol e o português. Porém nos faltava, como assinala Trías, uma das condições essenciais para constituir uma grande nação única: nos faltava a comunidade econômica. (GALEANO, 1978, p. 183).

---

<sup>419</sup> Acerca ver <http://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/staalnc.PDF>.

---

## **A Pax Britannica e o comando informal: a guerra por detrás da paz ilusória**

O termo Pax Britannica<sup>420</sup> carrega, em si, uma contradição intrínseca ao desenvolvimento do capitalismo mundial. O paradoxo residente nessa terminação parte do pressuposto de um viés não-eurocêntrico, onde se pode definir a Pax Britannica como o momento histórico que, para a periferia, significou normalmente guerra e subserviência à Coroa britânica. Contudo, para os países centrais, sobretudo para os ingleses, foi sinônimo de crescimento e disseminação do livre-comércio. Em outras palavras, os acontecimentos que aqui se sucederão foram partes de uma totalidade maior e única: a emergência e expansão do fenômeno imperialista em nível mundial. Partindo desse prisma é que tais sucessões de acontecimentos se tornam compreensíveis.

É importante salientar um dos objetos da pesquisa, a doutrina do free trade (livrecambismo) – imposta pela Inglaterra desde as nações recém-emancipadas até o Império do Brasil – fazendo-se necessários novos mercados como os da América Latina: grandes e quase sem competidores. Para tal desígnio, recorriam a duas formas de dominação: a formal e a informal.

No que diz respeito à agressão formal – que não será analisada minuciosamente nesse projeto – as potências centralizadoras, em determinado momento, ou assinaram um tratado vinculado diretamente à ofensiva ou o Estado atacante a realizou com o apoio de seus poderes (Executivo e/ou Legislativo) ou fez uma declaração de guerra.

Já o caráter informal – que será abordado com mais afinco por trazer a Guerra do Paraguai como exemplo – não comprova a existência de qualquer tipo de acerto ligado diretamente ao acometimento ou que os poderes das potências

---

<sup>420</sup> Período que engloba o fim da Batalha de Waterloo (1815) e o início da Primeira Guerra Mundial (1914). Trata-se do período que marcou a ação imperialista da Inglaterra.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

centrais apoiaram. Nesse caso, especialmente a Grã-Bretanha, afirmava que não praticava qualquer agressão e, oficialmente, reconheceram apenas sua neutralidade. Ou seja, não aceitou a acusação de ter tomado partido a favor de um dos contendores. No entanto, essa evidência pode ser notada através das conseqüências do pós-guerra; como a dependência econômica dos países vitoriosos – que tiveram riquezas em curto prazo, mas enfrentaram miséria e atraso no futuro; assim também como a subserviência do derrotado – Paraguai – trazendo em sua bagagem histórica: destruição, genocídio e ruínas que perduraram ao longo do tempo. Alguns dados esclarecem a dominação informal da Pax Britannica no conflito. A ver: o “Uruguai tinha feito um empréstimo que, em 1864, chegava a um milhão de libras esterlinas. Assim que terminou a guerra, em 1871, negociou o segundo, por 3.500.000 libras esterlinas” (RIPPY, 1959, p. 142); “A Argentina, até 1864, continuava acumulando seu primeiro empréstimo feito em 1824, no valor de um milhão de libras esterlinas. Mas a partir de 1865 [...] e até 1876, negociou oito empréstimos em um total de 18.747.884 libras esterlinas” (POMER, 1968, p. 357).

O Brasil, entre 1824 e 1865, tinha acumulado empréstimos num montante de 18.138.120 libras esterlinas; desse total apenas o de 1865 foi de um terço, ou seja, de 6.363.613. Depois da guerra, em 1871, negociou um empréstimo de três milhões de libras esterlinas; em 1875, outro no valor de 5.301.200. Posteriormente, entre 1883 e 1889, endividou-se com mais quatro empréstimos num total de 37.202.900 libras esterlinas. Isso que dizer que em 18 anos (de 1871 a 1889), o Brasil conseguiu empréstimos de 45.500.000 libras esterlinas, ou seja, quase duas vezes e meia a mais que nos 47 anos precedentes (POMER apud AMAYO, 1995, p. 265).

Sendo assim, fica evidente o uso dos empréstimos para fomento e cobranças de débitos futuros como fator de controle, por parte da Inglaterra, sobre os países



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

periféricos que adquiriram os valores. A dívida externa ganha uma conotação bastante pertinente como prova da submissão das nações que compunha a Tríplice Aliança em detrimento à grande potência europeia, com um objetivo bem astuto; a dominação massiva de todo território americano sob o julgo do livre comércio – perdurando até nossos dias, agora sob a tutela dos Estados Unidos. Um traço característico do imperialismo na sua forma mais latente, a centralização capitalista.

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. **América Latina: Transnacionalização e Lutas Sociais no Alvorecer do Século XXI; da luta armada como política (o caso EZLN)**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.
- AMAYO, Enrique. **A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica**. Estudos Avançados. vol. 9, no.24, Págs. 255-268. São Paulo, Maio/Agosto. 1995.
- GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- LIMA, M. Lima. **Pan-americanismo**. Coleção Bernardo Pereira de Vasconcelos, Brasília: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **As razões da independência**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1969.